

COLUNA

PERSPECTIVAS ANTIRRACISTAS PARA O SERVIÇO SOCIAL

Marluce da Silva Santana

Perspectivas Antirracistas para o Serviço Social



Grada Kilomba é militante do feminismo negro, portuguesa, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar. Autora do livro *Memórias da plantação: Episódios do racismo cotidiano*

Consideremos as reverberações geradas a partir do silêncio. É necessário refletir sobre processos históricos, políticos e sociais que utilizavam/utilizam como instrumento o silenciamento. Quais os possíveis significados de processos de silenciamento? O que o silêncio transmite? A quem interessa a reprodução de práticas de silenciamento?

A escritora e artista interdisciplinar Grada Kilomba apresenta em seu livro *“Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism”*, no capítulo intitulado “A máscara”, uma análise sobre a máscara que consistia em

instrumento de tortura utilizado pelo colonialismo e que representa suas políticas de silenciamento, possuindo como uma de suas finalidades “implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura”. (KILOMBA, 2010, p.172).

Grada Kilomba realiza considerações sobre aspectos práticos e simbólicos da utilização da máscara. A referida autora descreve a boca como órgão símbolo da fala, “no âmbito do racismo a boca torna-se o órgão da opressão por excelência” (KILOMBA, 2010, p.172), “órgão que historicamente tem sido severamente repreendido” (KILOMBA, 2010, p.172). Considerando tais questões podemos realizar

reflexões iniciais sobre a violência praticada através do silenciamento e pensar suas dinâmicas em diversos contextos seja nas relações cotidianas ou em produções acadêmicas.

A ideia criada em torno do mito da democracia racial camufla e tenta silenciar o racismo como elemento estrutural na sociedade brasileira. Maureci Almeida e Francisco Rodrigues (2014) ao tratar sobre identificação e racismo nas telenovelas brasileiras apontam que “a questão do racismo no Brasil, de certo modo, tem nas telenovelas brasileiras um aliado, se podemos nos expressar assim, na difusão da ideologia do branqueamento” (ALMEIDA; RODRIGUES, 2014, p.21), já Acevedo e Trindade (2011) apresentaram panorama abordando a ausência de diversidade étnica no telejornais brasileiros. A pequena ou inexistente participação de negros em programações como telenovelas e telejornais, por exemplo, corroboram para a reprodução de invisibilidade.

Considerando a formação profissional em Serviço Social o que é/foi silenciado? Quem é silenciado no cotidiano? Quais as formas de silenciamento? Magali Almeida (2017) ao abordar as relações raciais no Brasil e os desafios para o projeto ético político do Serviço Social, cita estudos desenvolvidos sobre questão étnico-racial e Serviço Social, demonstrando que a temática não possui protagonismo na produção acadêmica do Serviço Social

[...]Estudos sobre o estado da arte sobre questão étnico racial e serviço social realizados por Pinto (2003); Silva Filho (2006) Marques Júnior (2007, 2013) e Ribeiro (2012) apud Rocha (2014) demonstram a parca produção. O mais recente estudo dessa natureza foi realizado por CRUZ (2017), e demonstrou a persistente invisibilidade do tema na produção acadêmica do serviço social. (ALMEIDA, 2017, p. 37)

É necessário analisar cotidianamente as complexidades da formação e desenvolvimento da sociedade brasileira e o potencial violador de vários eixos de subordinação que vulnerabilizam determinados grupos, para tanto é preciso vivenciar uma formação que forneça bases teóricas e metodológicas para compreensão sobre a construção social de gênero, raça e classe e como se interseccionam no contexto brasileiro. Apropriar-se de discussões diversas sobre as relações raciais no Brasil, vislumbrando não silenciar e analisar os processos de silenciamento.

Marluce da Silva Santana



Mestranda em Estudos Étnicos e Africanos no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos-POS-AFRO UFBA. Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal da Bahia, cursa Pós-graduação em Gestão em Serviços Sociais e Políticas Públicas. Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Gênero, Travessias, Etnicidades e Sexualidades (PROGENTES) na Escola de Administração da UFBA. Participou da XX Escola Doutoral Fábrica de Ideias 2019: Curso avançado em Estudos Étnicos e Africanos.

Referências

ALMEIDA, M. S. Diversidade humana e racismo: notas para um debate radical no serviço social. **Argumentum**, v. 9, p. 32-45, 2017.

ALMEIDA, Maureci Moreira de. RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Processos de identificação: hibridação e o racismo nas telenovelas brasileiras. **Revista Identidade!** São Leopoldo, v. 19 n. 2 | p. 13-27 | jul-dez. 2014.

ACEVEDO, Claudia Rosa; TRINDADE, Luiz Valério de Paula. Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros. **Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política**, Rio de Janeiro, v. 11, n. ja/ju 2011, p. 90-108, 2011.

KILOMBA, Grada. “The Mask” In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.